

## **Histórias ensinadas no curso de história do CERES entre os anos de 1974 e 1988**

Olívia Moraes de Medeiros Neta<sup>1</sup>, Regina Coelli Gomes Nascimento<sup>2</sup>, Iranilson Buriti de Oliveira<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Bolsista PROPESQ/UFRN, <sup>2</sup>Professora Colaboradora, <sup>3</sup>Professor Orientador, Departamento de História e Geografia do CERES, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

---

### **Resumo**

Buscamos destacar as histórias ensinadas no Curso de História, do Centro de Ensino Superior do Seridó, a partir da análise de planos de curso e diários de classe das seguintes disciplinas: Introdução aos Estudos Históricos, História do Brasil I e II e Estudos dos Problemas Brasileiros I e II. Como recorte temporal, destacamos os anos de 1974 a 1988, em que vigorou o primeiro currículo do Curso de História.

*Palavras-chave:* Histórias ensinadas, Curso de História, Caicó

---

### **Abstract**

We pursuit to detach histories taught in the Course of History, of the Center of Superior Education of the Seridó, from the analysis of the course plans and classroom diaries from the following disciplines: Introduction to the Historical Studies, History of Brazil I and II, and Studies of Brazilian Problems I and II. As an outline time period, we stand out the years from 1974 to 1988, where it invigorated the first resumé of the Course of History.

*Keywords:* Taught histories, Course of History, Caicó

Objetivamos destacar fragmentos das histórias ensinadas no Curso de História do Centro Regional de Ensino Superior do Seridó – CERES –, entre os anos de 1974 e 1988; o primeiro se constitui como marco inicial por ser o ano da implantação do Curso de História em Caicó, como expressão da política de interiorização da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, bem como data da implantação do primeiro currículo do curso. O currículo implantado em 1974 ficou em vigor até 1988, daí a justificativa para o recorte temporal adotado desse espaço de tempo, já que é o período em que o curso fora atendido por seu primeiro currículo.

Constituem-se enquanto fontes de análise: diários de classe, planos de curso de disciplinas, bem como regimentos e portarias. Buscando vislumbrar as histórias ensinadas no CERES, selecionamos as seguintes disciplinas: Introdução aos Estudos Históricos, História do Brasil I e II e Estudos dos Problemas Brasileiros I e II. Essas disciplinas foram destacadas para análise entre as que compunham o currículo do Curso de História em vigor, de 1974 a 1988, por constituírem um núcleo de estudos teórico e de história do Brasil.

O currículo é instrumento significativo de intervenção do Estado no Ensino, ele ajuda a formar intelectualmente a clientela que frequenta os bancos escolares no incentivo à prática da cidadania, interessando, assim, aos que se encontram representados no poder. Ele tem seus autores, existem sujeitos por detrás dele que vão além da expressão “generalizante” e “homogeneizadora” de Estado. (BITTENCOURT, 1998, p. 28).

Parafrazeando Goodson (1999), a luta para definição de um currículo envolve prioridades sócio-políticas e discurso de ordem intelectual; no discurso que se constrói formam-se modelos de professores, de alunos, de sociedade, de disciplinas, de condutas, de posturas, dessa forma, o currículo produz identidades e subjetividades determinadas.

As falas curriculares compunham para o Curso de História uma estrutura curricular composta por 2.130 horas para disciplinas obrigatórias, e 180 horas para disciplinas complementares, sendo 34 disciplinas obrigatórias dispostas com seus créditos e ementas em uma média de oito períodos letivos. (HISTÓRIA, 1979). Através de programas curriculares, divulgam-se as concepções científicas de cada disciplina e o discurso de poder se pronuncia e define sentidos, forma, finalidade, conteúdo, estabelecendo sobre cada disciplina o controle da formação a ser transmitida e pretendida.

O discurso pretendido no currículo não é informação apenas, mas envolve a produção ativa de sensibilidades, maneiras de percepção de “si” e dos “outros”, formas particulares de agir, sentir, operar sobre “si” e o “mundo”, de prescrever posturas. Logo, temos o entendimento de que há diferenças, conflitos e clivagens entre a prática idealizada; currículo pré-ativo, normativo e escrito pelos representantes do poder educacional instituído e o currículo como

prática em sala de aula, currículo interativo. Na interface do dizer e do fazer, o texto curricular é enunciado, pois o que está prescrito não é, necessariamente, o que é aprendido, o planejado não é a expressão do acontecido; devemos procurar a construção social do currículo, tanto em seu nível de prescrição como em nível de interação. (GOODSON, 1999, p. 78).

Mesmo discutindo a relação entre o poder e o currículo, lembramos que a proposta do texto é analisar fragmentos de histórias ensinadas, a partir do estudo de planos de curso e diários de classe.

Assim, destacamos que a diferença entre o “currículo pré-ativo” e o “currículo interativo” é que o primeiro trabalha no nível do ideal, do imaginado, e não com a situação de universo complexo, repleto de diversidade. Segundo Stephanou (1998), o conhecimento presente nos currículos de História dos anos 80, século XX, no Brasil, caracteriza-se por deter-se sobre fatos passados, valorizando a ação dos personagens-heróis, “grandes homens” – cujas intenções, propósitos e objetivos são propulsores dos acontecimentos, destacados nos cenários de diferentes épocas com ênfase nos conhecimentos oficiais, apresentação dos fatos, através de sucessões cronológicas, dispostos linearmente, convergindo para uma visão de evolução e de relação de causa e efeito. A periodização assentava-se no modelo quadripartite francês com as divisões de Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Contemporânea, ou ainda comunidade primitiva, escravismo, feudalismo, capitalismo/socialismo.

Desta maneira, parte da história do mundo ocidental se insere nessa seqüência com inexistência de pontos pragmáticos referentes à África e a sociedades orientais; a presença de uma visão dual e etnocêntrica das diferentes sociedades humanas — civilizados *versus* primitivos, evoluídos *versus* atrasados — ênfase no estudo do mundo ocidental da vida de protagonistas masculinos e/ou brancos, assim como de atributos masculinos, alimentando igualmente o etnocentrismo, o eurocentrismo, a xenofobia, o racismo e mal disfarçados preconceitos nacionalistas e genocídios; tendência a uma história assexuada, em que crianças, velhos e mulheres raras vezes são narrados, descritos ou sequer citados, prevalecendo uma representação do passado que negligencia o tratamento de grupos minoritários. Neste contexto de produção e difusão do conhecimento histórico, o ensino de história no CERES foi gestado no período em estudo.

A humanidade era apresentada como uma rota linear, sem altos, embora com alguns desvios, em direção ao mundo de hoje, que era representado como o máximo de progresso e desenvolvimento humano. O currículo é resultado de uma seleção, saberes que formam posturas e quando visibilizados supõem uma questão de identidade, de subjetividade, tornando o currículo uma questão de conhecimento de poder. (STEPHANOU, 1998).

Os planos de curso de disciplinas, por diários de classe, propostas curriculares, guardam os fios discursivos das histórias ensinadas, enrolados às balizas do tempo e emudecidos por um toque de silêncios historiográficos.

Os lugares de produção e não-ditos são recorrentes em histórias ensinadas que, com seus signos e símbolos, possibilitam leituras de mundo que se enredam no saber histórico permeado de práticas culturais que envolvem avaliações, metodologias, procedimentos e recursos de ensino.

Análises historiográficas, relevância de estrutura curricular, arcabouço teórico-metodológico são elementos que isoladamente poderiam constituir-se como objetos de estudo passíveis a problematização; não é este conjunto ou uma de suas partes que representa nossa “paisagem de pesquisa”. Esta se constrói a cada diálogo proferido com a historiografia, com as fontes (planos de curso, diários de classe, portarias, resoluções e outros) e seus discursos que, constroem muitas possibilidades para distintos olhares.

Questões sobre as histórias ensinadas, particularmente nas disciplinas *Introdução aos Estudos Históricos*, *História do Brasil I e II* e *Estudos dos Problemas Brasileiros I e II* nos fazem ressaltar dois eixos para as reflexões acerca do ensino relativos as noções de “história” e de “história do Brasil”. Pensar sobre a noção de história é considerar que “[...] é necessário recordar para não se esquecer a si próprio. Ela [a história] situa o povo no centro dele mesmo, entendendo-o de um passado a um futuro”. (CERTEAU, 2002, p. 16).

A história “[...] fundada sobre o corte entre um passado, que é um objeto, e um presente, que é o lugar de sua prática, [...] não pára de encontrar o presente no seu objeto, e o passado, nas suas práticas [...]” (CERTEAU, 2002, p. 46), é espetacularizada nas leituras históricas, nos lugares de produção, no ofício do historiador. Concebe, então, uma textura escriturária que toma posições de sujeitos das ações e oferece ao historiador que, “[...] não é o sujeito da operação da qual é o técnico. Não faz a história, pode apenas fazer história [...]” (CERTEAU, 2002, p. 16) as não pretensões a um real, pois este que se inscreve no discurso historiográfico provém de um lugar, de uma produção, de um ramo particular e socialmente determinado.

Nos roteiros da história, os lugares são os “atos presentes desta produção e a situação que hoje o torna possível, determinando-o; o objeto, as condições tal qual sociedade deu a si mesma um sentido através de um trabalho que é também ele, determinado”. (CERTEAU, 2002, p. 23).

A história como espetáculo é roteirizada por sua estrutura curricular, por ementas, disciplinas, planos de ensino e pelos diários de classe. No CERES, as histórias ensinadas são

falas que constroem posturas, maneiras de ser, fazer, dizer. Nas disciplinas *História do Brasil I e II*, *Estudo dos Problemas Brasileiros I e II* e *Introdução ao Estudo da História*, buscaremos adentrar no mundo dos espetáculos históricos, abriremos as cortinas da história, recomporemos roteiros, visando os conteúdos privilegiados, as metodologias, as referências.

O roteiro como demonstrativo à ação histórica guarda a face prescrita e a apreendida, ou seja, o currículo que está prescrito não é necessariamente o que acontece, é, no todo, uma construção social em nível de prescrição e interação.<sup>1</sup> Partilhando da concepção de História como construção discursiva constituidora de objetos de investigação, de dados históricos, as histórias ensinadas no Curso de História do CERES são nossas falas, são dizeres do currículo e de sua estrutura que, no recorte das disciplinas já citadas, instauram maneiras de ser, conhecer e interpretar, bem como escrevem o saber histórico como uma paisagem no tecido da história.

As ementas das disciplinas, as bibliografias escolhidas, os objetivos, as metodologias constituem-se enquanto filigranas ao olhar as histórias ensinadas, estas protegidas por um passado pronto à visitação e disposto ao diálogo com vistas a fazer brotar muitas histórias do ensinado, com seus roteiros e componentes de uma grande sinopse do que fora ensinado nas muitas aulas, gradeadas pelo currículo do Curso, pelas orientações e interesse de discentes, de docentes, do Estado e da Instituição.

As disciplinas já mencionadas serão nossos *scripts*; os recortes do currículo são as falas eleitas à nossa conversação quanto às histórias ensinadas no período de 1974 a 1988. Nas veredas dessas disciplinas, suas abordagens são destacadas e por nós buscadas, não em sua finitude, mas em suas enunciações, suas regularidades e suas pluralidade discursiva. Narrativas a partir de estruturações quanto à eleição de conteúdos e bibliografias compõem nuances das ilustrações do saber histórico, envolvendo a produção de visões de mundo, as concepções de História e arrumações nos saberes pautados no e para o ensino.

Observar as Histórias Ensinadas nas fontes recortadas, que nos emprestam suas vozes para que juntos entoemos as falas de um currículo amarrado a ações de orientações docentes, é um exercício que envolve táticas e estratégias, usos e consumo inseridos numa cadeia de construção que, a partir de *Introdução ao Estudo da História*, recepciona o ensinável em história, compondo paisagens para vê-la e senti-la. Com os passos no caminho do Curso de História, o Brasil enquanto corpo escrito, projeção e sistematização de história para uma nação é visibilizado nos espaços das disciplinas *História do Brasil I e II*.

Como apêndice às Histórias do Brasil, um outro lado é exposto, portando histórias de um Brasil mostrado a partir dos problemas: é a disciplina *Estudo dos Problemas Brasileiros I e II*, que não é peculiar apenas do Currículo do Curso de História, sendo mais uma regularidade

nos variados cursos. Mesmo não tendo e não sendo uma disciplina específica de História, esta leva muitas vezes que discutem um Brasil pelos problemas, pelas vias do Estado e proliferaram as histórias ensinadas no CERES, sendo, portanto, passíveis de análise, clamando por novos tons.

Costurando *Introdução ao Estudo da História* como mestre de cerimônia ao saber histórico, *História do Brasil I e II* como as falas de um Brasil ensinável, *Estudos dos Problemas Brasileiros I e II* como a face das preocupações com a nação e seu espaço, formam um tecido de categorias estudadas para “formar” nos discentes a “consciência histórica”, inserindo nestes sujeitos as discussões acerca das filosofias da história, da pluralidade de suas visões, dos problemas que cercam o corpo nacional.

Nos espetáculos da história, no recorte curricular, nas veredas da historiografia buscamos os roteiros de histórias, priorizando direções de cenas de *Introdução ao Estudo da História*, *História do Brasil I e II*, *Estudo dos Problemas Brasileiros I e II*, o que nos possibilita perceber como tais disciplinas subjetivavam, através da seleção e disposição dos conteúdos, reflexões acerca da noção de história e de visões do Brasil. As disciplinas selecionadas expressam uma das leituras possíveis do ensino de história.

*Introdução ao Estudo da História* recebe os sujeitos ao campo histórico, estruturando-se, conforme olhares da historiografia, tais como os conceitos de história, a heurística, a crítica e a síntese histórica, assim como ciências auxiliares da história. A partir daí o projeto de ensino volta-se às análises das fontes historiográficas, as valorizações dos conhecimentos básicos da História como ciência e contribuições de outras ciências à História. (PLANO DE CURSO, INTRODUÇÃO..., 1981). Ao considerar como tópico de estudo as noções de história, métodos de análise e de produção da história se estavam produzindo as bases de um profissional que haveria de lidar com fontes, interpretando-as e analisando-as, fosse por crítica externa ou interna.

Avançando pelas falas históricas, as disciplinas de História do Brasil I e II dão corpo à nação partindo da expansão marítima portuguesa, dos descobrimentos e estudos evolutivos dos acontecimentos políticos e sociais do Brasil Colônia; o Brasil tinha sua História recomposta com estudos do Brasil independente e seus aspectos sociais, políticos e culturais culminando com o Brasil Contemporâneo. (PLANO DE CURSO, HISTÓRIA DO BRASIL I...).

Política, cultural e socialmente tinha-se a idéia do Brasil do jeito que era ensinado, um Brasil lido nos recortes de Celso Furtado, Caio Prado Júnior, Nelson Werneck Sodré, Hélio Vianna, Sérgio Buarque de Holanda.<sup>2</sup> Os estudos relativos à história do Brasil procuravam

destacar a relação entre fatos e produção de uma narrativa coesa onde o político, o econômico e o social teriam seus lugares demarcados.

A História do Brasil também era examinada pela face dos problemas, conforme é visto na disciplina Estudo dos problemas Brasileiros, tal componente curricular estudava os problemas brasileiros, privilegiando a “[...] abordagem sócio-estrutural da realidade brasileira. Estudos específicos sobre a economia, política, sociedade e segurança nacional”. (PLANO DE CURSO, ESTUDOS DOS..., 1981).

A partir do estudo da realidade os objetivos eram estabelecer uma análise comparativa entre a política social e econômica, nacional e internacional, evidenciando a importância da segurança e manutenção nacionais e sua relação com o desempenho político. (PLANO DE CURSO, ESTUDOS DOS..., 1985).

Docilizar, normatizar, conhecer o Brasil num quadro político-econômico de desenvolvimento, conhecer seu homem e sua formação eram eixos à moldura do Estado e da Nação que ancoravam as leituras e as posturas recorrentes para o estudo dos problemas brasileiros.

Nos detalhes de um cenário, na história com espetáculo e nas falas de um roteiro, as histórias *encenadas* tecem o Curso de História como palco e a história como recorte de um roteiro de muitas falas, uma sinopse reveladora de orientações, de proposições ao ser e estar no campo histórico e suas operações, seus saberes e redes de poder que atuam no conhecimento histórico, o que vem compor o Ensino de História como novelo de saberes enrolados por muitas mãos e muitos jeitos e pré-jeitos na produção e difusão do saber histórico em que história, ciência e arte, profissão e prazer encontram-se nas trilhas do escrito, do roteirizado nos atos do ensinar firmando à história o espetáculo com os holofotes do saber e as cortinas do poder.

A história toma formas roteirizadas e em suas disciplinas pauta diretrizes, limites aos saberes, via ementas, que parecem construir com os tijolos dos objetivos propostos os caminhos da formação do sujeito e seu ofício: o fazer história.

Conhecer as histórias ensinadas é considerar possibilidades de leituras da história e entender que esta se sedimenta a partir de metodologias, das leituras e objetivos destacados nos planos de curso, e muitas variáveis que podem constituir-se enquanto objeto de investigação.

Neste texto, limitamo-nos a apresentar a história e seu ensino como passíveis da análise histórica e entender que a pesquisa e o ensino em história devem caminhar juntos. A prática do historiador passa pelas histórias ensinadas, roteiros elaborados à formação do discente, de corpos e de mentes.

As histórias ensinadas no CERES estão para além de nossas considerações sobre Introdução aos Estudos Históricos, História do Brasil e Estudos dos Problemas Brasileiros, pois as histórias ensinadas são: inquietações, problemática de múltiplas faces dadas suas muitas histórias e, por escreverem-se no humano e pelo humano agarram-se ao subjetivo. Do seio do homem, do tempo e do espaço, as Histórias Ensinadas são construídas e ensinadas por docentes e discentes, firmam-se como visões e produções de sujeitos agarrados a epistemes e rodeados por espetáculos, roteiros, encenações e muitas vozes.

---

<sup>1</sup> O currículo como uma leitura no cerne do pensado e do executado apresenta como o defendido por Goodson (1999) na obra “Currículo: História e Teoria” uma face idealizada (currículo pré-ativo) e outra praticada (currículo interativo).

<sup>2</sup> Leituras indicadas para os Cursos de História do Brasil I e II; de acordo com os planos analisados.

## **Agradecimentos**

Agradeço de forma especial ao Professor Dr. Iranilson Buriti de Oliveira pela presença sempre constante em minha vida acadêmica. Com ele, construí um percurso na história e de histórias marcantes. Será sempre meu orientador da iniciação científica, do trabalho de conclusão de curso em História e atualmente no Programa de Pós-Graduação em História. À Professora Dr<sup>a</sup>. Regina Coelli que, gestou em mim o gosto pela pesquisa em ensino de História e me ensinou a viver com mais fraternidade. Agradeço a Pró-Reitoria de Pesquisa por ter financiado esta pesquisa e contribuído com os estudos na área do ensino em História.

## **Referências**

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

CENTRO REGIONAL DE ENSINO SUPERIOR DO SERIDÓ. Departamento de Formação Profissional. História do Brasil I. Diário de Classe.1983.1.

CENTRO REGIONAL DE ENSINO SUPERIOR DO SERIDÓ. Departamento de Formação Profissional. História do Brasil II. Diário de Classe.1983.2.

---

CENTRO REGIONAL DE ENSINO SUPERIOR DO SERIDÓ. Departamento de Formação Profissional. Introdução ao Estudo da História. Diário de Classe.1981.1.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Antes de fazer. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Análise do discurso: para além de palavras e coisas. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 02, p.18-31, jul. 1995.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

GOODSON, Ivor F. **Currículo: história e teoria**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

PLANO DE CURSO, Centro Regional de Ensino Superior do Seridó. Departamento de Formação Profissional. Introdução ao Estudo da História.1981.1.

PLANO DE CURSO, Centro Regional de Ensino Superior do Seridó. Departamento de Formação Profissional. Introdução ao Estudo da História. s/d.

PLANO DE CURSO, Centro Regional de Ensino Superior do Seridó. Departamento de Formação Profissional. Introdução ao Estudo da História. 1981.1.

PLANO DE CURSO, Centro Regional de Ensino Superior do Seridó. Departamento de Formação Profissional. História dom Brasil I. s/d.

PLANO DE CURSO, Centro Regional de Ensino Superior do Seridó. Departamento de Formação Profissional. História dom Brasil II. s/d.

PLANO DE CURSO, Centro Regional de Ensino Superior do Seridó. Departamento de Formação Profissional. Estudos dos Problemas Brasileiros I. 1981.

PLANO DE CURSO, Centro Regional de Ensino Superior do Seridó. Departamento de Formação Profissional. Estudos dos Problemas Brasileiros I. 1985.2.

STEPHANOU, Maria. Currículos de história: instaurando maneiras de ser, conhecer e interpretar. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 18, n. 36, p. 15-38, 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Núcleo Avançado de Caicó. Histórico e Funcionamento 1974 a 1978. Caicó, jul. 1978.

HISTÓRIA – Licenciatura Plena. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pró-Reitoria para Assuntos Acadêmicos. Relação Oficial dos Currículos. Natal, 1979.

---

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Resolução n.º 59/77 – CONSUNI, de 21 de dezembro de 1977. Cria os Centros Regionais do Ensino Superior do Seridó e Macau. Natal, 1977.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Resolução n.º 83/73 – CONSUNI, 04 de outubro de 1973. Resolve criar no interior do Estado, na micro-região de Caicó, um Núcleo Avançado de Estudos Superiores. Natal, 1973.

Olívia Morais de Medeiros Neta

**Endereço eletrônico:** [olivianeta@yahoo.com.br](mailto:olivianeta@yahoo.com.br)

**Base de pesquisa:** Educação e Sociedade

**Endereço postal:** Departamento de História e Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Campus Caicó, Caicó/RN 59300-000 – Brasil